

O urso e a carriça

Num belo dia de verão, o urso e o lobo passeavam por uma espessa floresta, na melhor harmonia possível. Eis que o urso ouviu o canto mavioso de um passarinho e perguntou:

- Meu irmão Lobo, que pássaro é esse que canta tão bem?

- É o rei dos pássaros, - disse o lobo, - precisamos saudá-lo!

Era a carriça.

- Se é assim, - disse o urso; - eu gostaria de ver o seu palácio; mostra-mo.

- Não é tão fácil como pensas! - disse o lobo. - Ê preciso esperar que a rainha entre.

Nesse momento, chegou Sua Majestade a Rainha. Ela e o rei traziam no bico alguns bichinhos para alimentar os filhotes.

O urso quis segui-los, porém o lobo segurou-o pela manga, dizendo-lhe:

- Ainda não; temos de esperar que o Rei e a Rainha saiam outra vez.

Observaram bem o lugar em que se achava o ninho e foram-se embora. Mas o urso não tinha sossego, queria, por força, ver o palácio do rei dos pássaros, e, pouco depois, regressou àquele lugar. O rei e a rainha acabavam de sair, e ele, espiando com muito jeito, viu três filhotes acomodados no ninho das carriças.

- Ê este o palácio real? - exclamou o urso desdenhosamente. - Que habitação miserável! Quanto a vós, pequenos implumes, não sois nada filhos de rei, e sim ignóbeis criaturas.

Ouvindo isso, os pequenos filhotes ficaram indignados e gritaram, muito furiosos:

- Não, não somos o que dizes; nossos pais são realmente nobres e tu pagarás caro as tuas injúrias.

A esta ameaça, o urso e o lobo ficaram com medo e foram refugiar-se nos seus antros.

As pequenas carriças, porém, continuaram a gritar e a fazer um barulho enorme; quando os pais regressaram com a comida, disseram-lhes:

- Nós não comeremos uma só pata de mosca e não daremos um passo daqui, à custa de mesmo de morrer do fome, até que não nos proveis se somos nobres ou não. pois o urso veio aqui nos insultar.

- Ficai tranquilos, - disse o rei; esta questão será resolvida.

E voando com a rainha até o covil do urso, gritou:

- Velho rabujento, por quê insultaste meus filhinhos? Hás de pagar caro esta afronta, pois vamos fazer-te uma guerra de morte.

Assim foi declarada guerra ao urso. Foram convocados todos os quadrúpedes: o boi, a vaca, o asno, o touro, o veado, o gamo; enfim, todos s animais de quatro

A carriça, por seu lado, convocou tudo que voa; não só os pássaros grandes e pequenos, mas também os mosquitos ou besouros, as vespas e os zangões.

Ao aproximar-e o dia da batalha, a carriça enviou os seus espiões para saber quem era o comandante supremo do exército inimigo. O mosquito, que era o mais esperto, voou pela floresta até ao lugar onde se reunia o inimigo e ocultou-se debaixo de uma folha da árvore, sob a qual estava o mesmo dando a senha.

O urso chamou o raposo e disse-lhe:

- Raposão, tu que és o mais astuto e velhaco de todos os animais, serás o nosso general e nos conduzirás à batalha.

- De boa vontade, - respondeu o raposão; - mas qual será o sinal convencional que deveremos usar?

Ninguém o sabia.

- Escutai! - exclamou o raposão; - eu tenho uma bela cauda, comprida e basta como um belo penacho vermelho: enquanto eu a conservar levantada, as coisas vão bem e podeis marchar sem susto para dar o assalto; mas, se eu abaixá-la, é sinal que deveis fugir a toda pressa.

Tendo ouvido bem isso tudo, o mosquito saiu voando e foi contar tintim por tintim à carriça.

Ao raiar o dia em que se travaria o combate, os quadrúpedes aproximaram-se a galope, fazendo tal barulho que a terra tremia. Também a carriça chegou escoltada pelo seu exército, que zumbia, gritava, voava e ruflava assustadoramente; e de ambas as partes saíram a combater. A carriça encarregou o zangão de colocar-se debaixo da cauda do raposão e espetá-la com todas as

A primeira ferroadada, o raposão estremeceu e levantou uma perna, mas resistiu e manteve a cauda levantada; na segunda, não pôde impedir de abaixá-la um pouco; mas, a terceira, não pôde aguentar e, gritando de dor, meteu a cauda entre as pernas.

Vendo isto, os animais julgaram que tudo estava

perdido e deitaram a fugir, correndo cada qual para a sua toca e assim os pássaros venceram a batalha.

Então o rei e a rainha voaram imediatamente para o ninho onde estavam os filhotes, exclamando:

- Alegrai-vos, filhinhos, comi e bebi à vontade; vencemos a batalha!

Mas os filhotes responderam:

- Não, ainda não comeremos; exigimos primeiro que o urso venha até aqui pedir desculpas e declarar que reconhece a nossa nobreza.

A carriça, diante desta nova imposição, voou até o antro do urso e gritou-lhe:

- Velho rabugento, tens de pedir perdão aos meus filhinhos e declarar que reconheces a nossa nobreza; senão, ai de ti, te quebraremos as costelas.

O urso encaminhou-se todo trêmulo de medo, apresentou-se diante do ninho e pediu perdão.

Então as pequenas carriças ficaram satisfeitas, colocaram-se uma ao lado da outra, comeram e beberam alegremente, divertindo-se até altas horas da noite.

* * *